

HIPÉRBOLES BÁSICAS E METAFÓRICAS EM UMA CONVERSA ENTRE ESTUDANTES BRASILEIROS NA ALEMANHA

Carolina Barbosa Passig Martins¹

carolpassig@ufmg.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar a natureza da linguagem hiperbólica em uma conversa sobre experiências de intercâmbio de quatro estudantes brasileiros vivendo em Münster, na Alemanha. A filmagem e o áudio utilizados fazem parte do *corpus* do grupo de pesquisa *Comunicação Intercultural em Interação*, coordenado pela Prof^a Dr^a Ulrike Schröder na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As transcrições foram feitas utilizando o sistema GAT2 (*Gesprächanalytisches Transkriptionssystem*) (SELTING et al., 2011) no *software* EXMARaLDA (Schmidt; Wörner, 2009) para análise qualitativa de dados. Procura-se aplicar aqui a classificação de realizações hiperbólicas proposta por Claridge (2011), nomeadamente entre hipérboles básicas e metafóricas, que se apoia em noções da Teoria da Metáfora Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980). Dessa forma, busca-se responder às seguintes perguntas: A classificação hiperbólica proposta por Claridge (2011) é aplicável nas ocorrências identificadas? Se sim, qual é a quantidade de hipérboles básicas em relação às metafóricas? Quais elementos da interação nos permitem escolher por uma ou outra categoria? A fim de se alcançar os objetivos aqui propostos, utiliza-se a Análise da Conversação (Kerbrat-Orecchioni, 2006), em especial a noção de contexto, como ferramenta metodológica. Encontrou-se, nos dados, casos de hipérboles que trazem consigo também uma metáfora, ainda que, em temos quantitativos, esse tipo de realização não tenha sido muito expressivo.

PALAVRAS-CHAVE: hipérbole; metáfora; GAT2; Análise da Conversação

ABSTRACT: This study aims to investigate the relationship between the mechanisms involving metaphorical and hyperbolic language in a conversation about the exchange program experience of four Brazilian students living in Münster, Germany. The video and audio used for the study are part of the corpus of a research group called *Comunicação Intercultural em Interação*, under the coordination of Prof. Dr. Ulrike Schröder at Minas Gerais Federal University (UFMG). The transcriptions were made within the GAT2 system (*Gesprächanalytisches Transkriptionssystem*) (Selting et al., 2011), using EXMARaLDA software (Schmidt; Wörner, 2009) for qualitative data analysis. It was intended to apply here the classification of hyperbolic realization as proposed by Claridge (2011), namely in basic and metaphoric ones. This perspective leads ultimately to the Cognitive

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

Metaphor Theory (Lakoff and Johnson, 1980). It is expected to answer to the following research questions: Can the hyperbolic classification by Claridge (2011) be applied on the occurrences found? If so, what is the amount of basic hyperboles in relation to the metaphorical ones? Which elements in interaction allow us to choose between one or another category? In order to achieve the research goals here, notions of Conversation Analysis were necessary, especially the concept of context, as methodological tool. It was found in the data occurrences in which metaphor and hyperbole coexist, although this kind of realization was quantitatively inexpressive.

KEYWORDS: hyperbole; metaphor; GAT2; Conversation Analysis

Introdução

“Hipérbole” é o nome que se dá ao exagero presente na linguagem, que pode se realizar de diversas formas e em vários contextos distintos. Na literatura, Cecília Meireles escreve: “Um automóvel parte de uma aldeia árabe, em direção a Jerusalém. **Todos os contrastes do mundo e dos tempos** se reúnem assim na terra milenar (...)” (Meireles, 1999, p. 128, grifo meu). No discurso cotidiano, hipérboles aparecem em enunciados como este, proferido por Marco Aurélio Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil: “[Prefiro] **Mil vezes** culpados soltos do que um inocente preso” (Falcão, 2016, grifo meu).

Os estudos da hipérbole tiveram início na Antiguidade Clássica, no campo da retórica. De acordo com Donato, “hipérbole é a expressão que excede a credibilidade, visando aumentar ou diminuir”. (*Arte Maior*, III, 6). Quintiliano (*Institutio Oratoria*, VIII, VI), por sua vez, afirma que o discurso hiperbólico poderia ser igualmente utilizado para exagero ou atenuação, a fim de trazer o que seria obviamente inacreditável, já que seu intuito seria o de mentir sem a intenção de enganar. Desse modo, aumentar-se-ia – ou diminuir-se-ia -, além do limite do crível, o que já seria grande – ou pequeno - por natureza, estratégia que poderia chamar a atenção da audiência para determinado fato ou até mesmo ter um efeito cômico louvável, se bem utilizada. Assim, esse tipo de linguagem contribuiria para a eficácia da mensagem a ser transmitida, já que não fazer uso dele poderia resultar em um discurso sem a força ou persuasão necessárias. Ao se empregar hipérboles, despertar-se-ia a plateia para o exagero do orador, mas, ao mesmo tempo, a intensidade, gravidade ou magnitude do acontecimento narrado seriam fortemente destacadas.

A metáfora também foi objeto de análise dos Antigos, recebendo um tratamento de destaque por ser considerada, segundo Quintiliano, o mais frequente e belo dos tropos (*Institutio Oratoria*, VIII, VI). Segundo Aristóteles, a metáfora seria “a designação de uma coisa mediante um nome que designa outra coisa, {transporte} que se dá ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie para a espécie, ou segundo uma relação de analogia” (*Poética*, 21). Para ele, a linguagem metafórica seria um recurso retórico de extrema importância tanto na prosa quanto na poesia, pois seria o principal meio de “conferir ao pensamento clareza, encanto e o tom não familiar a que nos referimos [na *Poética*]” (*Retórica*, III, 2). Desse modo, a visão greco-romana de metáfora e hipérbole trazia consigo também uma noção intrínseca de estilo e de qualidade na transmissão de pensamentos.

No final do século XX, com a Teoria Cognitiva da Metáfora, de Lakoff e Johnson (1980), surge um novo modo de pensar metáforas, rejeitando-se, assim, a ideia de que elas seriam apenas um floreio estilístico da linguagem. Para os autores, a metáfora estaria “entranhada na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação²” (Lakoff; Johnson, 1980, tradução minha). Isso significa que, segundo essa perspectiva, os indivíduos não apenas se comunicariam por meio de metáforas linguísticas, mas também compreenderiam vários conceitos de forma metafórica, por meio das chamadas metáforas conceituais. Desse modo, por trás de metáforas linguísticas como “a teoria do cientista desmoronou” e “essa é a base da minha argumentação”, haveria um conceito metafórico em comum, nomeadamente IDEIAS SÃO CONSTRUÇÕES (Lakoff; Johnson, 1980). Cognitivamente, seria feita, portanto, uma transposição de elementos de um domínio mais concreto, denominado “domínio-fonte” (CONSTRUÇÕES), para um menos concreto, chamado de “domínio-alvo” (IDEIAS) (Kövecses, 2010).

A partir dessa perspectiva da Teoria Cognitiva da Metáfora, Claridge (2011) destaca a possibilidade de coexistência de hipérboles e metáforas em uma mesma expressão linguística. Isso ocorreria quando, em um enunciado exagerado, for possível identificar uma troca de domínio da linguagem hiperbólica em relação à literal. A esse tipo de realização, a autora dá o nome de “hipérbole metafórica” ou “composta” (Claridge, 2011). Haveria também, por outro lado, as chamadas “hipérboles básicas”,

² “(...) metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action”.

expressões hiperbólicas cujos elementos não sofreriam tal processo, mantendo o mesmo domínio da linguagem literal.

No presente trabalho, serão utilizados conceitos e métodos da Análise da Conversação (Kerbrat-Orecchioni, 2006) a fim de analisar as hipérboles encontradas em uma conversa eliciada (Kasper, 2008) sobre experiências de intercâmbio entre estudantes brasileiros na cidade de Münster, Alemanha. Pretende-se, também, classificar as ocorrências entre básicas e metafóricas, de acordo com a definição e o critério estabelecidos por Claridge (2011). Busca-se, então, responder às seguintes perguntas de pesquisa: (i) A classificação hiperbólica proposta por Claridge (2011) é aplicável nas ocorrências identificadas? (ii) Se sim, qual é a quantidade de hipérboles básicas em relação às metafóricas? (iii) Quais elementos da interação nos permitem escolher por uma ou outra categoria?

Aqui, faz-se necessário ressaltar que, embora haja consenso em se tomar a hipérbole como sendo a linguagem do excesso, há divergências em relação à inclusão ou não de alguns grupos de expressões como sendo hiperbólicas, especificamente *Extreme Case Formulations (ECFs)* – formulações com itens lexicais extremos, como “tudo”, “ninguém”, “nunca” etc. – (Pomerantz, 1986) e exageros não intencionais na linguagem (Gibbs, 1994). Neste trabalho, *ECFs* serão consideradas um subtipo de hipérbole e questões de intencionalidade não serão levadas em consideração.

1. Método

Os dados utilizados para esta análise fazem parte do *corpus* do grupo de pesquisa *Comunicação (Inter-)Cultural em Interação*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Ulrike Schröder na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Foi realizada uma filmagem e gravação de áudios de conversa, com duração de uma hora e quarenta e oito minutos, em julho de 2014 na cidade de Münster, na Alemanha. Participaram dessa interação quatro intercambistas brasileiros que estavam no final de sua estadia no país e que discutiram suas impressões de intercâmbio, especialmente sobre questões interculturais.

A discussão foi transcrita utilizando o software EXMARaLDA (Schmidt; Wörner, 2009) e o sistema de transcrição GAT2, desenvolvido por Selting et al. (2011). As convenções de transcrição utilizadas nos trechos deste trabalho podem ser encontradas no **Anexo 1** deste trabalho.

Na transcrição, o nome de cada participante foi substituído por um código formado pela letra B (indicativo de “brasileiro”) e um número de 1 a 4 (indicativo de onde o indivíduo estava posicionado em relação à câmera). Dessa forma, a disposição dos participantes se deu como pode ser visto da figura abaixo:

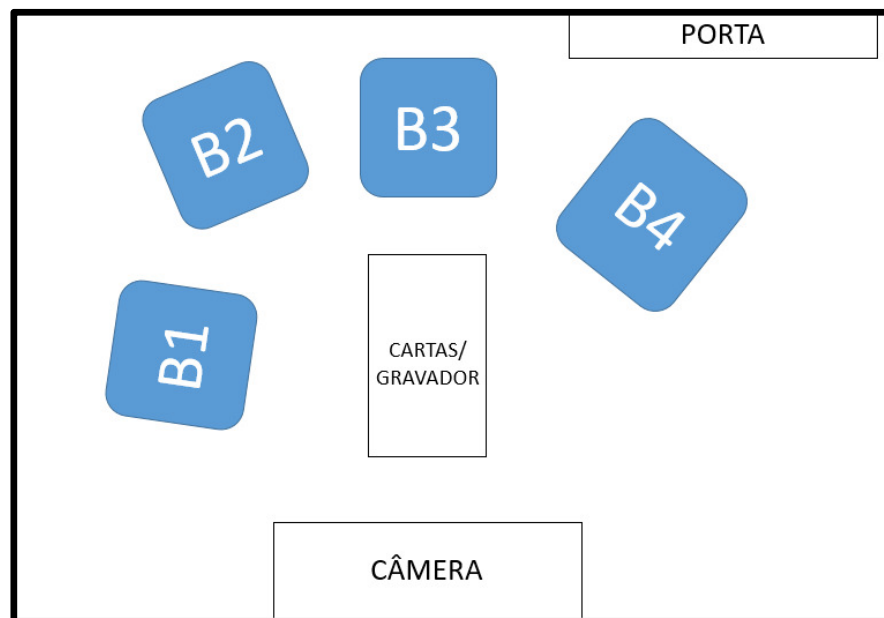


Fig. 1. Disposição dos participantes (B = Brasileiros)

Como dito anteriormente, a análise de dados foi feita levando em consideração a situação comunicativa de cada ocorrência de hipérbole encontrada, usando os preceitos de contextualização da Análise da Conversação como ferramenta metodológica (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

2. Análise

Foi feito um levantamento do número de hipérboles básicas e metafóricas encontradas durante toda a interação. Os resultados podem ser encontrados na tabela abaixo:

Tabela 1: Número de ocorrências de hipérboles encontradas na discussão

	Hipérboles básicas	Hipérboles metafóricas
Número de ocorrências	150	4
Porcentagem em relação ao total	97,4%	2,6%
Número total	154	

Pode-se perceber que a ocorrência de hipérboles básicas foi significativamente superior à de hipérboles metafóricas. *Extreme Case Formulations*, que, como já visto, foram enquadradas na categoria de hipérboles básicas, apareceram na conversa com muita frequência, o que pode ter contribuído para o grande contraste entre os dois tipos.

A seguir, serão apresentados exemplos de cada uma das realizações hiperbólicas contempladas aqui, assim como suas devidas discussões qualitativas.

3.1. Hipérboles metafóricas

No Trecho (1), os participantes estão contrastando suas expectativas anteriores de aprendizado da língua alemã com o que de fato aconteceu em sua experiência de intercâmbio. B1 afirma, então, que suas habilidades em alemão se desenvolveram menos do que ele gostaria, e apontou os motivos:

Trecho (1): ((Brasileiros em Münster 1, 2:00-2:07))

01 B1 nossa pra mim pra minha língua tamBÉM,
02 ficou um neGÓcio que ficou muito a desejar assim.=
→04 =depois do curso de LÍNgua eu fiquei muito mO:rto.=
05 =assim eu não aguentava mais estudar LÍNgua,
06 eu queria estudar Física de novo?

Na linha 04, B1 utiliza a expressão “morto” para se referir ao seu cansaço de forma não condizente com a realidade - já que o falante está, naturalmente, vivo - e exagerada, sendo esse o ponto máximo em uma escala quantitativa recorrente em expressões como “morrer de vergonha”, “morrer de frio” (no caso de um enunciado não literal) e “morrer de rir”. É importante notar, ainda, que a expressão hiperbólica “morto” pertenceria ao domínio ESTADO DE VITALIDADE. Ela não se encaixaria, portanto, no domínio SENSACIONES FÍSICAS, ao qual a expressão literal “cansado” pertence, já que estar morto não é uma sensação em si. Dessa forma, é possível apreender que há uma troca de domínios motivada pelo fato de que uma pessoa extremamente cansada fica inerte, assim como um cadáver. Desse modo, dado que a morte é mais concreta e fácil de medir

que o cansaço, a conceptualização metafórica se faz presente. Poder-se-ia classificar, portanto, essa ocorrência de hipérbole como composta.

Nos Trechos (2) e (3), os estudantes estão conversando sobre o dia, recente no momento da interação, em que estavam assistindo à partida entre Brasil e Alemanha na Copa do Mundo de 2014, que culminou em uma vitória de 7 a 1 para os europeus. B2 havia dito que, mesmo com o resultado desfavorável para seu time, os brasileiros estavam fazendo uma roda de pagode e rindo da própria situação, enquanto os alemães assistiam ao jogo sentados. No Trecho (2), B2 expressa sua estranheza em relação à forma como os alemães assistem aos jogos de futebol:

Trecho (2): ((Brasileiros em Münster 1, 19:38-20:01))

```
01 B2:      tipo: enQUANTo;=°h;
02          as pessoas normalmente esperaRIam;=
03          =que a gEnte ficasse quieto retraído;
04          e:: angusTIAdo,=
→05          =a gente tava °hh exploDINdo de;;
06 B1:      [((ri))          ]
07 B2:      [sei LÁ de que;= ]
08          =mas a gente tava feLIZ;
09 B3:      Uhum.
10 B2:      e:: Eles,
11          podiam atÉ ta feLIZ,=
12          =mas ?não tavam demonsTRANdo isso.=
```

Nesse trecho, B2 traz que o comportamento dos brasileiros na situação narrada era uma quebra de expectativa, pois seria de se supor que eles ficassem abalados pelo resultado da partida. Como forma enfatizar o contraste entre o que era esperado e a realidade, o falante afirma, na linha 05, que eles estavam “explodindo” com algum sentimento que ele não completa. Assim como no Trecho (1), explodir indica um sentimento extremo, visto em expressões como “explodir de alegria”. B2 não completa a ideia com o item lexical “felicidade”, no entanto, talvez por não acreditar que “a gente

tava explodindo de felicidade” caracterizasse bem seu sentimento. Então, ele parece desistir da hipérbole e volta para a linguagem literal, na linha 08: “a gente tava feliz”. Nesse caso, a expressão hiperbólica também poderia ser caracterizada como metafórica, pois sentir muita [alegria, felicidade] não faz parte do domínio EXPLODIR.

No Trecho (3), B3 está discutindo a ausência de brincadeiras por parte dos alemães quanto ao resultado da já mencionada partida da Copa do Mundo:

Trecho (3): ((Brasileiros em Münster 1, 23:14-23:20))

```
01 B3:      =eu entendo que pelo pelo resultado do jogo tu/tu imagina  
asSIM;=  
02          =ah o tipo alemão vai vai brincar com o brasiLEIro,=  
→03          =e o brasileiro vai/vai ficar (.) acaBA:do;=
```

No Trecho (3), B3, assim como B2 anteriormente, externa sua opinião a respeito do que seria esperado do comportamento ou da reação do brasileiro em um desdobramento do resultado da partida de futebol – dessa vez, no entanto, a situação é pós-jogo, com os alemães fazendo piadas sobre os brasileiros. Ele emprega a expressão hiperbólica “acabado” para se referir a alguém muito, extremamente triste. É improvável que B2 considere que esse tipo de brincadeira causasse tamanha tristeza em alguém que não estava diretamente envolvido com a disputa futebolística, mas a hipérbole enfatiza e dá destaque a seu argumento. Ao mesmo tempo, os domínios TERMINAR ALGO, ao qual “acabado” pertence, e SENSações EMOCIONAIS, que contém “se sentir extremamente triste”, não coincidem, havendo transferência de um domínio-fonte para um domínio-alvo. Assim, essa ocorrência de hipérbole também pode ser considerada composta.

3.2. Hipérboles básicas

Nesse trecho, os intercambistas voltaram ao assunto de aprendizado da língua alemã:

Trecho (4): ((Brasileiros em Münster 3, 23:14-23:20))

→01 B3: [se torNAR um nativo é uma coisa muito difícil;=viu,]
02 B1: [((acena com a cabeça))]
03 B3: [vElho] isso_é FAtO.
04 B1: [hm,]
→05 mas que_eu acho que melhorou !MUI:!to assim tipo;
→06 (.) eh nossa (.) foi logaRÍtmico.=eh,
07 B2: ((ri))
→08 B3: progressão no aprendiZAdo assim,
((3.2))
09 B2: [é:;]
10 B3: [ok.]
→11 B1: acho que exponenciAL=né.
→12 B3: ((sorri))
→13 B1: <<desenhando curva de função exponencial no ar>
logarítmico ia:;>
→14 B3: [((faz estalo com a boca e dá um tapa leve na perna de
B1))

<<sorrindo é::>>]
→15 B1 [<<desenhando curva de função logarítmica no ar> vai dar
isso>=fica

bem no;]
16 B2: [((ri))]

A expressão “se tornar um nativo”, na linha 01, é hiperbólica, já que não é possível, em uma situação de intercâmbio, transformar-se em um nativo, por mais que o objetivo de um aprendiz de língua estrangeira seja falar como um. É possível observar, também, que tanto a forma literal (“falar alemão muito bem”) quanto a hiperbólica (“se tornar um nativo”) estão sob o superdomínio ALTO GRAU DE PROFICIÊNCIA LINGUÍSTICA, de modo que, nesse caso, o exagero linguístico pode ser classificado como hipérbole básica.

Nas linhas 07 e 08, B3 tentou utilizar uma hipérbole e trazer um domínio matemático de uma função cuja forma mais prototípica (i.e. a função exponencial natural) apresenta uma curva que cresce ilimitadamente e cada vez mais rápido à

medida que o valor de x aumenta (Giovanni; Bonjorno; Giovanni Jr., 2002). Nesse caso, então, a hipérbole e a linguagem literal teriam um superdomínio comum, nomeadamente AUMENTO. Uma “grande progressão no aprendizado” (linguagem literal) e um “progresso exponencial” (hipérbole) seriam dois pontos em uma mesma escala numérica, sendo a segunda expressão o extremo de tal escala. Dessa forma, seria possível classificar essa hipérbole como básica, ou seja, sem mapeamentos metafóricos envolvidos.

É interessante observar, no entanto, que a tentativa de B3 não foi bem-sucedida e, no lugar, ele acabou por evocar um domínio diferente, que não se relaciona da forma desejada com a linguagem literal, pois a função logarítmica, citada por ele na linha 06, é o oposto matemático da função exponencial (Giovanni; Bonjorno; Giovanni Jr., 2002). Essa dinâmica se torna evidente na linha 11, momento em que B1, estudante de Física e, portanto, familiarizado com esses conceitos da matemática, faz um reparo na fala de B3. Este, então, aceita o reparo de seu interlocutor ao sorrir, bater jocosamente na perna de B1 e completar com a expressão “é”, indicando concordância (linhas 12 e 14).

No Trecho (5), os participantes da conversa estão discutindo as diferenças entre as amizades no Brasil e na Alemanha:

Trecho (5): ((Brasileiros em Münster 2, 29:25-29:37))

→01 B1: <<sorrindo> o alemão para SER seu amigo asSIM;
→02 <<pp> tem que> te conhecer há muito TE:Mpo;
→04 você tem que ter salvAdo a vida dE:les;
→06 B1: [<<sorrindo> tem que ter feito>][<<rindo> a/alguma COIsa->]
07 B2: [((ri))]
08 B4: [((ri))] [<<rindo> tem que ter salvAdo;>]
→09 B1: pra mereCER a amizade do cara;
→10 não simplesmente conheCER ele na aula;
→11 <<p> assim> ele não vai virar seu aMIgo;>

Nesse trecho, B1 externa sua crença de que os alemães não consideram uma pessoa como sendo sua amiga com muita facilidade. Então, na linha 04, ele exagera essa situação com o emprego da expressão “salvado a vida dele”, dado que é altamente improvável que todos os amigos existentes na Alemanha tenham salvado a vida uns dos outros. B1 explicita o domínio da linguagem literal nas linhas 06 e 09, ao acrescentar que “[você] tem que ter feito alguma coisa para merecer a amizade do cara”. Assim, tem-se que “salvar a vida” pertence ao mesmo domínio de “fazer alguma coisa para merecer a amizade”, sendo, na verdade, o extremo dessa situação. Desse modo, é possível dizer que, nesse caso, tem-se, também, uma hipérbole básica.

3. Conclusões

Com o apresentado, ficou evidenciado que a classificação de Claridge (2011) é uma ferramenta útil na análise de hipérboles, ainda, que, por essa ser uma figura discursiva altamente atrelada à situação comunicativa, possa haver nuances difíceis de detectar caso haja falta de conhecimento contextual. Assim, tanto na conversa cotidiana quanto nas análises linguísticas, alguns exemplos interessantes podem ser ignorados como sendo hiperbólicos. Em alguns momentos, o contexto foi determinante também para diferenciar metáfora de hipérbole metafórica. Com isso, conclui-se que parece não haver elementos contextuais e conversacionais específicos que determinem a escolha por uma ou outra classificação. Deve-se analisar caso a caso.

Pode-se perceber, por fim, que houve muitas ocorrências de hipérboles no discurso. Nota-se, também, que, ao menos nessa interação, não houve muitos casos de hipérboles metafóricas em comparação ao de outros tipos de exagero linguístico, ainda que se suponha aqui que o número de metáforas, se contabilizado, deve ser significativamente maior. Para se saber ao certo, seria necessário fazer uma investigação comparativa, o que pode ser feito em trabalhos futuros. Seria interessante também repetir o estudo com *corpora* diferentes para verificar se o baixo número de hipérboles metafóricas foi característica dessa interação ou se o padrão se repete em outras conversas.

Anexo 1: Convenções de transcrição do GAT2³

³ Versão menor e adaptada das convenções de transcrição elaboradas por Selting et al. (2011), com tradução de Ulrike Schröder et al. (cf. Referências bibliográficas).

[]	sobreposição e fala simultânea
[]	
=	continuação rápida e imediata com um novo turno ou segmento (latching)
que_a, e_e	cliticizações dentro de unidades
eh, ahm, uhm etc.	marcadores de hesitação, assim chamados de “pausas preenchidas”
hm	ocorrência monossilábica
(.)	micro pausa estimada em até 0,2 seg de duração aprox.
(-)	pausa curta estimada em aprox. 0,2 – 0,5 seg de duração
(--)	pausa intermediária estimada em aprox. 0,5 – 0,8 seg de duração
(2.0)	pausa mensurada em aprox. 0,5/2,0 seg de duração (até o décimo de segundo)
:, ::, :::	alongamento (0,2-0,5s.; 0,5-0,8s.; 0,9-1,0s. respectivamente)
((ri))	ações e eventos vocais não verbais
<<rindo> >	descrição com indicação de escopo
<<p>	mudança de volume, com escopo (piano, baixo)
<<pp>	mudança de volume, com escopo (pianissimo, muito baixo)
°hh/hh°	inspiração e expiração
Sílaba	acento focal
sílaba	acento secundário
!Sílaba	acento focal extra forte
?	alto ascendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
,	ascendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
-	nivelado (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
;	descendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
.	baixo descendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
en`TÃO	descendente (notação intralinear de movimentos entonacionais)
en˘TÃO	ascendente (notação intralinear de movimentos entonacionais)
→	linha de transcrição relevante na argumentação

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. Editora 34. São Paulo, 2015.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. Edipro. São Paulo, 2011.

CARSTON, Robyn; WEARING, Catherine. *Hyperbolic language and its relation to metaphor and irony*. Journal of Pragmatics 79 (2015) 79-92

CLARIDGE, Claudia. *Hyperbole in English: a Corpus-based Study of Exaggeration*. Cambridge University Press. New York, 2011.

DEZOTTI, Lucas. *Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo (USP), 2011

FALCÃO, Márcio. *Decisão do STF sobre prisão é inflexão conservadora, diz Celso de Mello*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2016. Folha Poder.

GIBBS, Raymond W. *The Poetics of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIOVANNI, José Ruy; BONJORNO, José Roberto; GIOVANNI JR., José Ruy. *Matemática fundamental: uma nova abordagem*. FTD. São Paulo, 2002.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor*. New York: Cambridge University Press, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem* (vol. 3). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

POMERANTZ, Anita. *Extreme case formulations: a way of legitimizing claims*. *Human Studies* 9 (1986), P. 219-229

QUINTILIAN. *The Institutio Oratoria III*. Trad. H.E. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1959

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. *EXMARaLDA – creating, analyzing and sharing spoken language corpora for pragmatic research*. *Pragmatics* 19:4.565-582 (2009)

SELTING et al. *A system for transcribing talk-in-interactions: GAT 2*. *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* 12 (2011), P. 1-51

SELTING et al. *Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2*. Tradução de Ulrike Schröder et al. No prelo.

SNOECK HENKERMANN, A.F. *Strategic manoeuvring with hyperbole in political debate*. IN *Proceedings Conference Rhetoric in Europe*, Saarbrücken, Outubro de 2013.